
AUTORES:

Karine Dalsin ¹
Amândio Graça ²

¹ Dublin City University, Ireland

² CIFI²D, Faculdade de Desporto
da Universidade do Porto, Portugal

<https://doi.org/10.5628/rpcd.10.03.65>

Futebol das aldeias de Goa:

Repercussões dos processos
de globalização
no Futebol indiano.

04

PALAVRAS CHAVE:

Futebol. Goa. Cultura.

RESUMO

O presente artigo analisa a relação entre o Futebol moderno e a sociedade goesa rural tendo como foco principal os torneios entre as aldeias. Os dados foram colectados com base em métodos etnográficos, incluindo a observação participante, através da assistência a sistemática às competições, e entrevistas em profundidade com informantes-chave da comunidade. A análise dos dados permitiu identificar que os crescentes esforços da *Goan Football Association* para regulamentar os torneios entre aldeias criam uma relação de tensão e permeabilidade na qual os elementos promotores de mudanças parecem ser cuidadosamente seleccionados com intuito de somente promover transformações que primem pela manutenção do tradicional formato do jogo. Para além disto, nos últimos anos um crescente distanciamento foi gerado através da introdução dos conceitos: profissional e amador. A análise dos dados aponta para que as crescentes mudanças no sistema de detecção de talentos, na contratação de jogadores não-goeses pelas equipas de ponta concorrem para a predilecção dos adeptos pelo Futebol rural em detrimento da Liga Nacional.

Correspondência: Karine Dalsin. Dublin City University. Business School — D9 — Dublin — Ireland
(karine.dalsin@gmail.com).

Football in the villages of Goa: Impact of globalization processes in Indian Football.

ABSTRACT

The present article focuses on the relationship between modern football and Goan rural society through the study of inter-village tournaments. Data collection was conducted using ethnographic methods, participant observation and in-depth interviews with community key informants. It was identified that the increasing efforts of the Goan Football Association to institutionalize the tournaments has created a relation of tension and permeability, in which elements capable to promote changes in the game are carefully selected with the aim of retaining the traditional characteristics of the tournaments. Moreover, in the last few years efforts to modernize the sport have produced increased detachment through the introduction of new concepts such as professional and amateur. The changes noticed largely in (1) the talent detection system, and (2) recruitment of non-Goan players by the professional clubs may, actually, (3) increase the football fans predilection for the inter-village tournament instead of the National Football League.

KEY WORDS:

Football. Goa. Culture.

No estado indiano de Goa, assim como em toda a Índia, as raízes históricas do desporto provêm dos processos coloniais, em particular o estilo de vida e o projecto civilizacional imposto pelo Império Inglês, mesmo tendo sido Goa um território pertencente à Coroa Portuguesa. O desenrolar da cultura desportiva ao longo dos anos e das transformações políticas, económicas e sociais elegeram o críquete como o desporto número 1 da Índia e o Futebol como número 1 de Goa.

A predilecção pelo Futebol é aqui compreendida como fruto de um encontro entre culturas, no qual a memória colectiva de Goa parece ter criado uma forte relação entre a modalidade e a identidade local. A estrutura de sentimentos produzida faz com que tenha surgido um modo próprio de viver os relevados e uma paisagem rica em campos e balizas de todas as formas e tamanhos. As manifestações do jogo no Estado remetem para um projecto de diferenciação e afirmação do povo goês perante a sociedade anglo-indiana.

Para Dimeo ⁽⁶⁾, “O Futebol goês está concentrado nos torneios entre aldeias que promovem um modelo de competição saudável e trazem talentos para atenção dos clubes profissionais.” (p.258) ¹. A afirmação do autor reporta a uma ligação entre clubes de grande e pequeno porte, situada em um passado recente, mas não mais possível de ser observada.

Os anos 1990 simbolizaram o início de uma etapa de fortes mudanças para promover a modernização do Futebol indiano. A criação da Liga Nacional representou um conjunto de acções elaborado com objectivo de introduzir o modelo de jogo global. São exemplos: a reestruturação das instituições, a profissionalização dos clubes, dos jogadores e dos treinadores, a comercialização televisiva dos jogos e a promoção de um sistema de desenvolvimento de jovens talentos.

As repercussões da globalização em diferentes espaços sociais têm gerado contradições no que se refere a seus efeitos. Santos ⁽¹⁷⁾ afirma que, ao contrário do que o termo globalização superficialmente conota, as sociedades estão frente a um processo de mudanças altamente contraditórias e desiguais, variáveis em intensidade e direcção. Da mesma forma, para Appadurai ⁽³⁾, a globalização não implica necessariamente homogeneização ou americanização. Segundo o autor, as diferentes sociedades têm diferentes modos de apropriar-se da modernidade e das formas culturais, as quais podem ser integradas ou domesticadas nas práticas locais.

Giulianotti e Robertson ⁽⁸⁾ afirmam dedicarem-se ao estudo do Futebol dada a utilidade deste desporto para ajudar a compreensão teórica e empírica dos processos de globalização. Os autores examinam a globalização cultural do Futebol através do conceito de

1 — “Goan football is concentrated on villages tournaments that foster healthy competition and bring good players to the attention of top clubs.”

“glocalização” que consiste na universalização do particularismo, apontando para a interdependência dos processos local/ particular e do global/ universal, da homogeneidade e da heterogeneidade nas identidades e instituições da modalidade.

A produção de conhecimento sobre as tensões geradas por uma pretensa homogeneização das formas de jogo do Futebol é decorrente de uma história que estabelece elos entre a dinâmica do global e do local. Segundo Appadurai ⁽⁴⁾ “Todas as grandes forças sociais têm seus precursores, precedentes, análogos e raízes no passado” (p.3).

Para reflectir sobre as dimensões culturais da globalização não é negada a existência de padrões hegemónicos. Todavia, para Maguire ⁽¹⁴⁾, em um mundo cada vez mais interconectado, os processos de globalização tem uma dimensão cega e não planeada e uma relativa autonomia em relação às intenções de grupos específicos. Segundo Donnelly ⁽⁷⁾, para além de um projecto de imperialismo cultural, as fronteiras nacionais estão a tornar-se cada vez mais porosas. Ambos autores parecem referir-se a imprevisíveis e incomensuráveis transformações oriundas das possibilidades de trocas globais. Por outro lado, Santos ⁽¹⁷⁾ aponta para a existência de confrontos: “Os poderosos e envolventes processos de difusão e imposição de culturas, imperialisticamente definidos como universais, têm sido confrontados em todo o sistema mundial por múltiplos e engenhosos processos de resistência, identificação e indigenização culturais.” (p. 54).

Ao revisitar a obra de Oswald de Andrade, Loundo ⁽¹³⁾ traz o conceito de antropofagia cultural para analisar a criação da sociedade goesa colonial. “A regra básica é que apenas bravos inimigos merecem servir de alimento por que eles possuem as qualidades que se querem ver incorporadas” ². Para Loundo, as possibilidades abertas pelas compartimentações na sociedade indiana permitem a inclusão de elementos externos a elas com uma relativa autonomia de carácter, proporcionando que estes permaneçam organicamente associados ao sistema geral e seus princípios unificadores. Estes atributos criam na Índia uma unidade sem uniformidade em uma sociedade originalmente multicultural.

Os elementos culturais portugueses não foram assimilados, mas devorados de acordo com a sua compatibilidade de funções. É um princípio não xenófobo que, no entanto, implica resistência. Assim, entre o universal e o particular, uma dada cultura toma formas e significados por acções e discursos de seus representantes.

A globalização insere-se neste cenário como um elemento de conflito que pode aguçar desejos entre o que se é e o que se gostaria de ser. Os meios de comunicação de massa têm grande influência por veicularem preponderantemente modelos de desenvolvimento hegemónicos. O modo como é feita a recepção destes meios no âmbito local do Futebol gera distanciamento; ao mesmo tempo em que une adeptos em torno da paixão pelas dife-

2 — “The basic rule is that only brave enemies are worth being eaten because they have the qualities intended to be incorporated.”

rentes manifestações do jogo, propicia a ocorrência de fissuras na reprodução da literacia cultural do Futebol nos jovens. Por sua vez as identidades possuem uma dinâmica pela qual são socialmente construídas e reconstruídas nas interações entre indivíduos de um mesmo grupo ou de grupos diferentes. Para Mendes ⁽¹⁵⁾, as bases e origens das identidades são conflitos entre os diferentes agentes e lugares de socialização, por sua vez o indivíduo não forma a sua identidade na reprodução pelo idêntico.

O encontro com o outro, que neste estudo pode ser pensado na qualidade de colonizador, novo compatriota, ou até mesmo o outro como elemento virtual tangível apenas através dos meios de comunicação, propicia movimento na construção dos modos como cada um se percebe localmente enquanto sujeito. Na abordagem proposta ao Futebol goês, os clubes amadores ou profissionais situam-se no espaço e no tempo através de uma consciência relacional com o outro por apropriação, diferenciação ou sedução.

O presente estudo propõe-se analisar a relação entre o Futebol moderno e os torneios das aldeias, como expressão marcante da sociedade goesa rural, visando perceber de que forma a aceleração dos processos globalizantes do Futebol mundial se repercute na cultura local.

METODOLOGIA

Partindo da identificação de um fenómeno cultural interessante, bem enraizado na sociedade goesa rural — os torneios de Futebol das aldeias, foram adoptados procedimentos de natureza etnográfica para responder às questões do estudo. Para tal, foi realizada uma revisão de literatura científica acerca da temática a fim de contextualizar historicamente a inserção e o desenvolvimento do Futebol. O trabalho de campo teve duração de 9 meses (Setembro 2007 a Maio 2008) e fez uso de consulta a documentações institucionais, entrevistas com dirigentes de clubes e lideranças comunitárias, diários de campo, registos fotográficos e assistência sistemática a jogos e campeonatos.

A pesquisa contou com apoio institucional da GFA ³ o que facilitou a identificação e contacto com as lideranças do Futebol das aldeias. Os entrevistados foram convidados individualmente para relatar as suas experiências e seu trabalho junto à modalidade. Ao total foram 6 entrevistas semi-estruturadas, realizadas em suas respectivas residências, gravadas em áudio, versando sobre a organização do Futebol rural nos seguintes pontos: estrutura, actividades, financiamento e possíveis correlações com formação de jogadores e com o Futebol profissional; o número foi determinado seguindo critério de saturação teórica.

Os entrevistados demonstraram-se optimistas e orgulhosos quanto à história e à cultura do Futebol em Goa. Da mesma forma nas consultas realizadas a livros, revistas e artigos

3 — Foi possível realizar este estudo graças ao Protocolo de Cooperação entre a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e a *Goa Football Association* (GFA) para o desenvolvimento do Futebol em Goa.

institucionais percebeu-se serem eles sempre redigidos com alto grau de exaltação ao passado e um latente sentimento de nostalgia, além de uma forte selectividade na eleição dos êxitos de todos os tempos.

Uma vez identificados estes ornamentos nas retóricas, optou-se por relativizá-los a fim de manter o comprometimento com a produção de um trabalho de cunho científico. Segundo as considerações propostas por Andrew e Ritzer ⁽¹⁾, a tendência da cultura contemporânea é deter-se na polarização entre local e global e assim romantizar as expressões de desporto local. Também atentando para a análise de dados, Giulianotti e Robertson ⁽⁹⁾ referem que o passado não deve ser abordado de forma que a nostalgia seja usada como sinónimo de declínio das identidades colectivas locais.

Através dos conteúdos das entrevistas tornou-se possível compreender o Futebol das aldeias em termos de sua sistemática, rituais e tradições. A triangulação do material das notas de campo, da transcrição das entrevistas e da análise dos documentos institucionais confrontou dados permitindo identificar rotinas, constâncias e inconstâncias o que por sua vez permitiu dar credibilidade às descobertas e conclusões do estudo e sustentar a elaboração da descrição densa (*thick description*) que dá corpo à apresentação e interpretação dos resultados do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O FUTEBOL DAS ALDEIAS

"I have believed and repeated times without number that India is to be found not in its few cities but in it's villages."

(MAHATMA GANDHI)

Nas zonas rurais de Goa, encontram-se os chamados *Intervillage Tournaments*. Estes torneios têm origem no início do século XX e eram disputados entre equipas das escolas e associações das aldeias ⁽¹²⁾. O espaço dedicado a eles nos meios de comunicação de massa é ínfimo, quando comparado ao jogo profissional, porém sua legitimidade perpassa a história da inserção e desenvolvimento da modalidade e parece localizar-se no cerne da paixão goesa pelo Futebol. Apesar das mudanças ocorridas na organização do jogo no Estado, como por exemplo a criação de ligas e campeonatos, os torneios entre aldeias nunca deixaram de integrar o quotidiano da sociedade goesa.

Segundo o último censo da Índia ⁽¹³⁾, realizado em 2001, o estado de Goa conta com 359 aldeias e 44 cidades. As aldeias são consideradas áreas de jurisdição do *Panchayat* ou grupo de *Panchayats*, uma forma de governo descentralizada na qual cada aldeia é

responsável por seus afazeres; o *Panchayat* assim representa um grupo de membros da comunidade a trabalhar pelo bem-estar comum. O conceito de “*villages*” para fins deste estudo foi traduzido como aldeias; suas divisões internas são os “*wados*”, palavra sem equivalente em língua portuguesa, os quais podem ser considerados subdivisões territoriais, pequenas células a integrar o corpo gerido pelo *Panchayat*.

Estruturas organizacionais tradicionais, as aldeias foram e ainda são o retrato de uma Índia rural, muitas vezes alheia aos grandes fenómenos mundiais. Durante o período de colónia foi por meio das organizações das aldeias que a igreja católica buscou sua entrada no quotidiano goês, através de alianças com os senhores da terra (*gãocares*). Os padres haviam percebido a força destas estruturas sociais primordiais. Ao mesmo tempo, também foi nestes redutos que os locais celebravam seus cultos e credos, em muitos períodos fadados à clandestinidade apregoada pela Coroa Portuguesa ⁽¹⁶⁾. Segundo Angle ⁽²⁾ “O facto da cultura indiana ter sobrevivido em Goa baseou-se no estilo de vida cultivado nas aldeias durante a colonização portuguesa. A alma da Índia está nas aldeias.” (p.29) ⁴.

O encontro com o colonizador introduziu a modalidade junto aos seminários e este novo clero local a consolidou como actividade de socialização nas aldeias ⁽¹⁶⁾. O Futebol encontrou a acolhida necessária para a sua popularização. As equipas passaram a convidar-se para jogos amigáveis e celebrações de datas comemorativas. Segundo Leitão et al ⁽¹²⁾ em 1905 durante o *Divali* ⁵, duas equipas de jovens realizaram um jogo como parte das celebrações do festival. Em 1923, o Grémio Literário e Recreativo de Mapuça organizou o que seria o primeiro grande torneio de Goa. O exemplo foi seguido e outras competições floresceram.

Mesmo com a sucessão de organizações para a institucionalização da modalidade a partir de 1939, como por exemplo a criação de competições estaduais e da 1ª e da 2ª divisão, os torneios locais continuavam a acontecer ⁽¹²⁾. Apesar dos avanços no sentido de profissionalizar o Futebol, na esfera rural eles seguiam sua rotina guiados por lideranças locais, produzindo suas próprias regras e respeitando o quotidiano de suas comunidades.

Segundo os dados colectados nas entrevistas, a popularidade de uma dada aldeia no cenário Futebolístico varia conforme a quantidade de equipas, o número de habitantes e o *status* económico de sua população. A partir das regras estipuladas em 2000 e denominadas *Private Football Tournament Rules* ⁽¹⁰⁾, os clubes das aldeias devem estar catalogados na GFA. Estatísticas da temporada 2006-07 registram a existência de 169 equipas e 135 *Intervillage Tournaments* em Goa ⁶.

4 — “The fact that Indian culture in Goa successfully resisted the outside storm, could be the best supported by the lifestyle of villages during Portuguese rule. The soul of Indian lies in the villages.”.

5 — Festividade do hinduísmo realizada todos os anos no mês de Setembro.

6 — Todavia, segundo dados coletados nas entrevistas, estes registros não representam a totalidade de equipas existentes em Goa, dado que há inúmeras equipas vincadas aos *wados*, as quais disputam apenas competições na aldeia.

As aldeias diferem quanto às instalações, algumas possuem campos permanentes ao longo do ano, outras ocupam espaços cedidos ou alugados. Por exemplo em Parra, aldeia ao norte de Saligão, há dois campos, um situado atrás da igreja, em terreno doado pela mesma, há poucos anos. O solo é de terra batida, não há arquibancadas, apenas duas balizas evidenciam estar-se diante de um campo, onde há três anos eles organizam o campeonato *Intervillage* de Parra, durante as monções. Outros exemplos de utilização de espaços não standardizados são o campo de Calangute que, durante a estação turística, transforma-se em um estacionamento de veículos e o de Arambol, aonde repousam animais domésticos a alimentar-se da pouca vegetação (Diário de campo, 2008).

No regulamento para organização dos torneios ⁽¹⁰⁾, a GFA impõe apenas a comprovação de disponibilidade de campo para os jogos. Desta forma os *Intervillage Tournaments* são realizados nos espaços possíveis, com as condições possíveis e a total dedicação de sujeitos apaixonados pelo desporto.

Como mencionado nas entrevistas, o financiamento para os torneios é providenciado através do *Panchayat*, de um patrocinador ou do somatório de pequenos valores doados por diferentes sujeitos — empresas, comerciantes ou individuais, tradicionais apoiadores do clube, ou de políticos e governantes. A realização das competições dá-se ao longo de todo o ano, porém entre Abril e Maio concentra-se a sua grande maioria. A predileção pelas datas dá-se em torno do calendário económico do Estado, o qual emprega durante a estação turística, Novembro a Março, elevado contingente da população ⁷.

A diferenciação entre amador e profissional fica definida nas normas ⁽¹⁰⁾ que regem a montagem dos plantéis. Jogadores profissionais, ou seja, atletas com vínculo salarial e registro na *I-League* (Liga Nacional Indiana), não podem tomar parte. Os participantes devem ser de nacionalidade indiana, estarem registrados junto a GFA e pertencerem à aldeia pela qual competem.

Foi constatado em comunicações pessoais e no trabalho de campo que as idades médias dos participantes giram em torno de 18 a 30 anos, raramente se encontrando jogadores com mais de trinta anos. Segundo as entrevistas realizadas com dirigente, estes jovens estão em geral empregados no sector turístico: hotelaria, restauração, navios de cruzeiro, etc., e administram seus horários e disponibilidade de forma a continuarem com a prática no tempo livre. Jogam e treinam esporadicamente, pela manhã antes do trabalho ou ao final da tarde após o turno de trabalho. Na ocasião de uma competição costumam pedir dispensas e negociar horários de forma a tentarem chegar ao local do jogo a tempo.

7 — Dados obtidos através das entrevistas.

SALIGÃO REIRA TROPHY

O torneio acompanhado *in loco* teve por nome *Saligão Reira Trophy* e é disputado anualmente por dezasseis equipas durante os meses de Janeiro e Fevereiro. O campo localiza-se nas imediações da igreja da comunidade e à beira da auto-estrada principal. Em Saligão, como na maioria dos locais de jogo, não há casas de banho, vestiários ou qualquer estrutura para trocar de roupa ou vender comidas ou bebidas. Nas linhas de fundo não há redes que impeçam a bola de ir ao meio das árvores ou da rua, bater nas motocicletas e no público. Durante os jogos, em muitas oportunidades a bola, em um chute a golo mais empolgado, tomava o rumo da auto-estrada e era buscada por algum dos espectadores (Diário de campo, 2008).

Remédios, um dos líderes do *Saligão Sport Club* (comunicação pessoal, 2 Feb 2008), conta que são quatro os terrenos que integrados dão origem ao campo, os proprietários recebem anualmente um total de 15.000 rupias para disponibilizar a terra. A quantia é paga principalmente pelo *Saligão Sporting Club*, as outras duas equipas contribuem com quantias pequenas. Assim, nos seis meses em que o espaço não é usado para o cultivo do arroz as equipas da comunidade organizam práticas e jogos; quando inicia o período das chuvas, em Junho, usam os campos do seminário localizado na aldeia.

Ao passar pela rodovia era fácil perceber que algo estava a acontecer dada a quantidade de pessoas aglomeradas à margem da estrada, em um espaço de aproximadamente dois metros, os quais separam o fim do alcatrão de um barranco com altura de aproximadamente um metro e meio que marca o início do campo, tendo a baliza imediatamente situada na descida deste declive de terra em forma de corte.

Observou-se que o início das partidas sucedia em hora padrão, 16:45, com tolerância de 15 minutos, quase sempre utilizada; logo, às 17h iniciam-se praticamente a totalidade das partidas, obedecendo ao regulamento e à disponibilidade de luz natural. O campo até este horário estava praticamente vazio, poucos futebolistas, pouco público. A partir das 17h as motocicletas começavam a chegar em ritmo crescente, os jogadores estacionavam, colocavam as camisetas do clube enquanto conversavam uns com os outros e aos poucos entravam no campo, alongavam cada qual a sua maneira, davam alguns toques na bola e aguardavam o jogo que estava por iniciar. Os uniformes das equipas eram compostos por camisetas iguais, mas calções e meias completamente diferentes, alguns com caneleira, outros sem. No altifalante, preso a um poste de electricidade à beira da estrada, uma música animada cantada em *konkani*⁸ anunciava que algo estava para acontecer. Pouco antes das 17h chegavam os árbitros e direccionavam-se ao centro do campo, chamando os jogadores a tomarem seus postos.

8 — Dialeto goês.

A partida de abertura foi realizada entre *Nagoa Sports Club* e *Calangute Association*. Ao soar o apito inicial a disputa contava com respectivamente onze jogadores contra oito. Jerry (comunicação pessoal, 20 Jan 2008), presidente do clube de Calangute, afirmou estarem os jovens a trabalhar em tal horário e que estariam por chegar, o procedimento adoptado seria encontrarem-se no campo assim que tivessem disponibilidade ⁹.

Segundo constatado no trabalho de campo, os jogos eram disputados em ritmo acelerado, com jogadas e dribles a levantarem poeira do campo, o qual necessariamente não pode ser chamado de relvado, composto por arbustos rasteiros e resquícios de palha de arroz, adornado por linhas brancas pintadas com pouca tinta, já apagada pelo pó e pelo uso. Uma vez iniciadas as partidas, o número de espectadores crescia rapidamente. O público era integrado por diversas faixas etárias, basicamente homens, poucas mulheres e algumas crianças. Em geral trajavam roupas quotidianamente utilizadas para o trabalho, vários levavam equipamentos de clubes europeus, da selecção brasileira e pequenas equipas de Goa. Estavam posicionados ao redor do campo em média 200 pessoas por jogo, alçados ou sentados, no chão ou nas motocicletas.

A maioria dos presentes eram moradores de Saligão ou de aldeias próximas, eram adeptos e colaboradores das equipas, outros apenas eram sujeitos com simpatia pela modalidade e haviam sido atraídos pela proposta de entretenimento ou ao acaso, por estarem de passagem pela rodovia ¹⁰.

As partidas eram realizadas em dois tempos de 35 minutos e no intervalo ocorria o “*housie*”, uma espécie de bingo tradicional nos *Intervillage Tournaments* de Goa. As cautelas de papel começavam a ser vendidas por colaboradores do torneio desde o início da partida, ao fim do primeiro tempo um narrador sorteava as pedras. O valor do prémio variava entre 400 rupias nas quartas de final até cerca de 5.000 rupias. A parada de aproximadamente 15 minutos era o tempo quase exacto do *housie* e, mal acabava, o apito chamava os jogadores e espectadores ao segundo tempo.

As crianças neste meio tempo aproveitavam as bolas e punham-se a brincar, alguns miúdos abandonavam os chinelos e de pés descalços entravam em campo, outros trajavam chuteiras, calções e camisetas de Futebol; cada qual à sua maneira usufruía daquele curto tempo onde a bola e o campo estavam disponíveis. Segundo as observações realizadas as crianças são presença constante nos *Intervillage Tournaments*, em maior ou menor número de acordo com a localização do campo e com o calendário escolar.

9 — Segundo os registros realizados no diário de campo, o fato fez parte da inauguração do *Intervillage Tournament* de Saligão e mostrou-se rotineiro durante o andamento do torneio; fosse durante o primeiro ou o segundo tempo, estavam sempre a chegar jogadores apressadamente em suas motocicletas, equipados ou semi-equipados, estacionavam e corriam para completar as equipas ou para realizar substituições.

10 — Dados obtidos através de comunicações pessoais registradas em diários de campo.

Retoma-se o segundo tempo; dado o regulamento dos jogos, estes são sempre decisivos, ou seja, o perdedor está fora do torneio. À parte plantéis com grande superioridade, capazes de definir o resultado do jogo no primeiro tempo, os outros disputam 35 minutos de jogadas ofensivas, mas com retaguarda muito cuidadosa pois um golo nestes momentos significa a exclusão. Devido à paridade dos seleccionados e à tática defensiva, os empates são quase regra ¹¹, resultado que leva aos penaltres. Rodrigues e Albusackar (comunicação pessoal, 10 Jan 2008) defendem ser este o espírito do *Intervillage*, sua emoção reside no carácter decisivo de todos os confrontos.

Denominados de “*tie break*” ⁽¹⁰⁾, os penaltres são cobrados alternadamente e não têm número fixo, são repetidos até que haja uma falha por parte de um jogador ou a glória de um guarda-redes. Em Saligão as decisões constituíam o ponto alto da partida, o público e as equipas vibravam a cada cobrança, executada sempre na baliza junto ao local de maior concentração de público e paralela a auto-estrada. Em parte das partidas acompanhadas, as cobranças acabavam quase à noite, já com muito pouca luz do sol (Diário de campo, 2008).

Uma espécie de ritual acompanhava os penaltres e causava estranhamento, os guarda-redes que tinham defendido o clube durante os 70 minutos, frequentemente eram substituídos, a cada cobrança um jogador diferente tomava a posição; em alguns casos alegavam ter entre os jogadores de linha um bom guarda-redes para tais situações. Outras vezes diziam ser uma superstição, assim o atleta acompanhado pela sorte levaria ao triunfo; outros contam ser tradição substituir o homem da baliza a cada cobrança até que brilhe o herói do jogo. Em todas as ocasiões, o mérito que levava a equipa à vitória era festejado com o herói da baliza ¹².

O público presente atentamente acompanha o desfecho e todos, imediatamente após a decisão, se vão. Foi observado que logo após momento da consagração do campeão ouvia-se o ronco dos motores das motocicletas e em questão de 5 a 10 minutos já não havia mais ninguém, excepto uns poucos jogadores a trocarem-se de roupa em meio ao des-campado. Passados 15 minutos quem passasse pela auto-estrada não imaginaria que ali tinham estado 200, 400 ou em dias mais movimentados 700 pessoas.

ENTRE REGRAS E CONSENSOS

A GFA actualmente representa um colectivo em busca da modernização do Futebol. Por ela e através dela foram elaboradas e postas em uso as regras, seu carácter pode ser visto como o reflexo da burocratização, na busca por registrar e controlar as movimentações e

11 — O constante resultado foi identificado nas observações e confirmado pelas entrevistas.

12 — O jogo entre Nagoa e Milagres, por exemplo, contou com sete penaltres para decidir a partida e a vitória foi entusiasticamente comemorada com o jogador que havia tomado a posição de guarda-redes na ocasião em que a equipa oposta executou uma ineficiente cobrança. Os companheiros e apoiadores correram em sua direcção, abraçaram-no, jogaram-no ao ar e festejaram ao seu redor (Diário de campo, 2008).

transformações da sociedade. Por outro lado, também deve ser levado em consideração que foi através da elaboração das regras que as lideranças das aldeias buscaram uma forma de preservar o que consideravam ser a essência de tais torneios.

Através do estabelecimento das *Private Football Tournament Rules*, a GFA passou a ter controle sobre a organização dos *Intervillage Tournaments*. A razão alegada foi a falta de normas. Leitão et al. ⁽¹²⁾ afirmam que "muitos indivíduos gastavam dinheiro para montar um equipa para apenas uma partida ou uma competição. Os patrocinadores estavam apenas interessados em auto-promoção, enquanto os jogadores estavam fadados a mudar de equipa constantemente" (p.8) ¹³.

Neste contexto, a estipulação de regras assume o carácter de inclusão de aspectos do modelo global, proporcionando que estes permaneçam organicamente associados ao sistema geral e seus princípios locais. Os organizadores e dirigentes dos clubes concordam ter a edição das regras trazido melhoras aos torneios. Torna-se claro através das entrevistas que o controle do jogo aumentou devido aos clubes e jogadores estarem vinculados a GFA e por consequência estarem sujeitos a vigilância e punições por inadequada conduta. As lideranças do Futebol rural mencionaram ter a regulamentação diminuído os problemas com arbitragem, eliminado a possibilidade de contratar jogadores profissionais como reforços durante a competição e posto fim a brigas por parte dos participantes, além de ter inibido irregularidades na ordem das finanças e patrocínios, regulado abusivas cobranças de valores para inscrição e, por fim, ter impedido a organização de excesso de competições com simples fins lucrativos.

A arbitragem dos torneios é sempre realizada por árbitros activos da GFA, os quais também efectuam a mediação e supervisão da competição. Os jogos têm horário fixo para início; em caso de atraso os árbitros retiram-se do campo, inviabilizando assim a partida. A duração pode ser de 70 a 90 minutos, com intervalo de 5 a 15 minutos ⁽¹⁰⁾. Segundo Fernandes (comunicação pessoal, 17 Fev 2008), antes da regulamentação as equipas costumavam promover grandes atrasos e em decorrência disto alguns jogos eram de quinze minutos por lado, ou até de sete minutos por lado. Era comum que clubes com bons guarda-redes retardassem o início do jogo propositadamente para assim fazerem uso desta vantagem na disputa por penaltos.

A parte o regulamento, a promoção de um *Intervillage Tournament* segue uma série de procedimentos organizacionais relatados pelos entrevistados. O primeiro passo é providenciar recursos. O passo a seguir refere-se a convidar os clubes, escolhidos por critérios de qualidade e número de adeptos, além de uma espécie de acordo de ca-

13 — "Many individuals spent money to built a team for just a solitary match or tournament. The sponsors were solely interested in mileage for themselves, while players hopped from one club to another".

valheiros onde cria-se um elo de apoio: caso uma equipa aceite o convite do clube-sede pressupõe-se que, ao organizar o *Intervillage Tournament* em sua aldeia, conte com a presença daquele clube ¹⁴.

A organização do *Intervillage Tournament* tem objectivos diferentes entre as diferentes aldeias. Furtado e D'Silva (comunicação pessoal, 20 de Jan 2008) diz ser possível, com a organização de um evento, colectar um montante suficiente para sanar as despesas do clube durante o ano, aproximadamente 100.000 de rupias, chegando a 70.000 rupias o valor arrecadado somente pelo *housie*.

A preocupação com a assistência está directamente ligada ao lucro a ser obtido, o que leva à preferência por equipas que tenham mais popularidade. Pacheco (comunicação pessoal, 2 Feb 2008) explica que a participação de equipas como a *Calangute Association* atrai grande público aos jogos, logo, as partidas desta equipa são para os organizadores um sinónimo de incremento nos valores angariados pelo *housie*.

Segundo os entrevistados, a qualidade dos clubes convidados configura outra preocupação da sede do torneio pois o estatuto da competição solidifica-se por meio de boas disputas. Da mesma forma, a aldeia sede prepara seu plantel com os melhores jogadores locais; esta selecção dá-se por meio de outra tradicional estrutura do Futebol goês, os *Interwados*. Ao menos uma vez por ano, são realizados nas aldeias os torneios de Futebol entre as equipas dos *wados*. Em geral estas competições integram uma festividade ou a programação de um festival juntamente com outras actividades de confraternização como teatros e cultos religiosos. Para ilustrar este cenário pode ser citado o exemplo de Parra: na aldeia existe uma equipa registrada na GFA, porém os *Interwados* são disputados entre dez equipas (Pacheco, comunicação pessoal, 2 Feb 2008). Da mesma forma, em Siolim são quatro clubes registrados na GFA, porém trinta participam nas competições entre *wados* (Fernandes e D'Souza, comunicação pessoal, 28 Feb 2008). Na aldeia de Benaulim (Fernandes, comunicação pessoal, 17 Feb 2008) o *Interwado* conta com dezasseis equipas, enquanto os clubes registrados na GFA são apenas cinco.

Os jovens jogadores ali presentes demonstram uma dedicação ao Futebol que consideram ser local e parecem virar as costas a *I-League*, poucos sonham ser profissionais. A popularidade dos *Intervillage Tournaments* sobrepõe-se em grande escala à Liga Nacional, à Liga Profissional Estadual e às 1ª, 2ª e 3ª Divisões do Futebol goês. Segundo participantes entrevistados (Fernandes, comunicação pessoal, 17 Feb 2008; Furtado e D'Silva, comunicação pessoal, 20 Jan 2008), este fenómeno é atribuído a uma estrutura de pertencimento presente no Futebol das aldeias. Eles contam que, quando tomam parte da 1ª, 2ª

14 — Segundo os dados obtidos nas entrevistas, os números de participação anuais dos clubes goeses nos torneios variam; por exemplo, o *Young Striker Club* de Benaulim (Fernandes, comunicação pessoal, 17 Feb 2008) joga aproximadamente 25 por ano, o *Navelim Sporting Club* de 25 à 40 (Furtado, comunicação pessoal, 20 Jan 2008), e o *Chandor Club* (D'Silva, comunicação pessoal, 20 Jan 2008) por volta de 20.

e 3ª Divisões da GFA, são exigidos dos clubes alguns pré-requisitos referentes à qualidade do relvado e, em muitos casos, as equipas são obrigadas a jogar em outras aldeias por incapacidade de suprir as exigências. Outro factor que exerce influência é as normas da competição autorizarem os clubes a utilizarem em seus plantéis jogadores de outras aldeias. O somatório destes dois factores parece fazer com que os adeptos do Futebol demonstrem preferência pelos *Intervillage Tournaments* em detrimento de campeonatos estaduais.

CONCLUSÕES

Este estudo faz uso de densa descrição do Futebol das aldeias e suas rotinas por acreditar serem os relvados um fecundo campo para compreensão das transformações culturais, bem como da pluralidade comportada e produzida por eles. O encontro do global com o local é aqui demonstrado através das transformações ocorridas na prática mas também demonstra não serem estas sinónimos de homogeneização. As trocas globais promoveram uma apropriação parcial das idéias de modernização na construção de sua identificação com as dimensões culturais da modalidade. As mudanças estruturais foram realizadas pelos seus próprios organizadores e respaldadas pela organização maior do desporto no estado, GFA, a qual também é filha e herdeira dos *Intervillage Tournaments*. Constatou-se que, apesar da visibilidade actual dos clubes goeses no cenário nacional, as práticas de produção do Futebol como parte da identidade local estão associadas às estruturas sociais primordiais.

Em termos práticos concluiu-se que a principal mudança, derivada da aceleração das trocas globais, ocorrida no sistema organizacional do Futebol goês tomou forma através de um crescente distanciamento gerado entre os torneios entre aldeias e os clubes da Liga Nacional.

Há dois factores compreendidos como decisivos neste processo, um deles foi a introdução da regulamentação dos *Intervillage Tournaments*, pois através dela foram introduzidos os conceitos de profissional e de amador. O segundo factor, foram as medidas da AIFF para comercialização do jogo, que deslocaram o foco de detecção de talentos, por exigências de contratações em faixas etárias inferiores. Assim sendo, os treinadores e dirigentes já não buscam talentos nos *Intervillage Tournaments*, os jogadores compreendidos como profissionais já não integram as equipas de suas aldeias e por sua vez rapazes com pretensões de ingressarem na carreira profissional já não buscam os torneios entre aldeias como vitrine para alcançarem os grandes clubes. Por fim, grande parte dos espectadores parece decepcionada com a introdução de não goeses ou de jovens goeses jamais vistos por eles a jogarem nas equipas profissionais; estes adeptos restringiram-se a assistir o Futebol das aldeias, local onde podem presenciar um confronto com o qual sentem-se identificados por compreenderem os códigos, as rotinas e as superstições

1. Andrews DL, Ritzer G (2007). The global in the sporting glocal. *Global Networks*, 7(2): 135-153.
2. Angle PS (1994). *Goa: Concepts and misconcepts*. Bombay: Akshar Pratiroop.
3. Appadurai A (2004). *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Teorema.
4. Appadurai A (2004). La aldea global. *Firgoa Universidade Pública — Espazo Comunitario*, 1-16. <http://firgoa.usc.es/drupal/node/17381>.
5. Dalsin K (2009). *Dimensões do Futebol Goês*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto.
6. Dimeo P (2001). Contemporary development in Indian Football. *Contemporary South Asia*, 10 (2): 251-264.
7. Donnelly P (1996). The local and the global: globalization in the sociology of sport. *Journal of Sport and Social Issues*, 20: 239-257.
8. Giulianotti R, Robertson R (2004). The globalization of the football: a study in the glocalization of the 'serious life'. *The British Journal of Sociology*, 55 (4): 545-568.
9. Giulianotti R, Robertson R (2007). Recovering the social: globalization, football and transnationalism. *Global Network*, 7 (2): 166-186.
10. Goa Football Association (2000). *Private Football Tournament Rules*. Goa: Goa Football Association.
11. Government of Goa (2003-04 & 2004-05). *Statistical Hand Book of Goa*. Directorate of Planning, Statistics and Evaluation. Goa: Government of Goa.
12. Leitão NL, Ribeiro FX, Mergulhão AM, Karra VP (2000). *The Grass is green in Goa: 40 years yields a lot of goals*. Goa: Goa Footbal Association.
13. Loundo D (1999). *Anthropological Elements of Colonial Heritage in Brazil and Goa (India): from Luso-Tropicalism to Cultural Anthropophagy*. Comunicação apresentada no Seminário Portuguese-Speaking Space in Asia. Lusotopie: University of Goa.
14. Maguire J (1994). Sport, identity Politics, and Globalization: Dimishing Contrasts and increasing Varieties. *Sociology of Sports Journal*, 11: 398-427.
15. Mendes J (2001). O desafio das identidades. In: Santos BS (org.) *Globalização: Fatalidade ou Utopia?* Afrontamento: Porto, 489-523.
16. Mills J (2002). Colonialism, christians and sport: the catholic church and football in Goa 1883-1951. *Football Studies*, 5 (2): 10-26.
17. Santos BS (2001). Os processos da globalização. In: Santos BS (org.) *Globalização: Fatalidade ou Utopia?* Porto: Afrontamento. 31-106.